

Tecnologia: a arte que ergue e destrói coisas belas

Ana Mansoldo

Psicóloga, pós-graduada em Educação Ambiental e colaboradora do Centro de Ecologia Integral.
Autora do livro Educação Ambiental Urbana

A espécie humana foi se diferenciando das demais por sua criatividade e faculdade de dominar a matéria. A tecnologia, esta arte singular, possibilitou avanços rápidos na trajetória humana: chegamos muito perto de solucionar nossas questões de saúde, abrigo, proteção, alimento, transporte, mas erramos na dose quando criamos a ilusão de um poder absoluto de controle sobre a natureza. Podemos conhecer e imitar os ciclos da natureza mas não controlá-los, por isso chegamos ao desequilíbrio, ao insustentável. Nosso consumo de recursos naturais é incompatível com o ciclo de recarga da natureza. A equação é simples e óbvia, a retirada de uma árvore para construir uma canoa é inversamente proporcional à derrubada de uma floresta para fazer o carvão que aquece as indústrias transformadoras de minério em aço para construir um carro.

Se antes a tecnologia esteve a serviço de uma vida humana melhor, hoje ela está refém da economia: produz-se o que dá lucro e não o que seja importante e necessário. Apesar de tanta evolução tecnológica, milhões de pessoas ainda morrem sem assistência médica e sem remédios; outros milhões morrem diariamente por falta de alimentos e outros tantos não têm sequer onde morar.

Felizmente, ainda que a duras penas, já percebemos que não faz sentido perder os dedos para salvar os anéis e que a única saída está numa tecnologia que respeite os princípios

da natureza, o ciclo da vida. Precisamos de mudanças maciças na indústria, sair do processo de descarte para um ciclo de reciclagem fechada, sem resíduo inútil, sem desperdício. É urgente um esforço global para reflorestar a terra, revitalizar e conservar o solo e aumentar a produção de água doce. É imprescindível uma nova consciência sobre a reprodução humana. Passamos da hora de investir em energia renovável, planejar cidades para pessoas e não para carros, e construir uma economia que sustente e não comprometa as gerações futuras.

Sabemos o que precisa ser feito e temos a tecnologia para fazê-lo. A questão é se nossas instituições serão capazes de realizar a mudança no tempo disponível, pois, enquanto a burocracia política e econômica emperram as soluções técnicas necessárias, as catástrofes ecológicas vão solapando a vida dos mais vulneráveis, dos que pagam mais caro a devastação da Terra. Ainda podemos dizer que estamos com sorte por perceber os sinais de alerta, mas temos que reparar a aeronave em pleno vôo, torcendo para uma cumplicidade favorável entre tempo e espaço. Nesse sentido, Lester Brown, em seu livro *Eco-economia*, é radical: *Não há meio termo. (...) De uma forma ou de outra, a escolha será feita por nossa geração. Mas afetar a vida na Terra para todas as gerações futuras.*

O maior desafio está na educação:

- fazer as pessoas entenderem não apenas a necessidade de mudar, mas também como tal mudança pode gerar uma vida muito melhor.
- proporcionar uma revisão nos valores culturais, que incentivam o consumo de muitos para o acúmulo de riqueza de poucos, enquanto esgotam-se os recursos de todos.

Sugestão de leitura:

Eco-economia: Construindo uma economia para a Terra - Lester R. Brown
UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica
Salvador - BA

"Passamos da hora de investir em energia renovável, planejar cidades para pessoas e não para carros, e construir uma economia que sustente e não comprometa as gerações futuras"

Revista Ecologia Integral - Número 36



Foto: Desirée Ruos